

Grupo de trabalho:

A instância da letra. Chegamos na "Estação Lacan"? Não, chegamos na "Estação Freud"!

Diálogos em um *entre*. [1]

Estação 1: Sidnei Goldberg

- “Um trem chega à estação. Numa cabine um menino e uma menina, irmão e irmã [...] *Olha!!* diz o irmão, *chegamos em Mulheres!; Imbecil!*, responde a irmã, *não está vendo que nós estamos em Homens?*”

Os temas da identidade e das identificações estão presentes nas teorias de Freud e de Lacan desde o início de cada uma delas. Há um duplo movimento no sentido de demonstrar a constituição do EU por um lado e por outro lado o processo de desalojar esta instância, o Eu, do lugar de senhorio em sua própria casa como nos diz Freud referindo a ferida narcísica causada pela psicanálise e sua invenção do lcs.

Lacan inicia seu seminário sobre o tema da Identificação chamando a atenção para o fato de que nessa operação o que pensamos em primeiro lugar é no outro a quem nos identificamos.

- *Identifique-se ao porteiro*. Imperativo ambíguo para um psicanalista ou um poeta, mas que visa operar uma segregação de classes através de portões. – *Eu me chamo Fulano, vim visitar a Sicrana do apartamento 42.* – *Veio fazer uma entrega? Entrega é no portãozinho ao lado*, diz o porteiro pelo interfone, desde sua guarita blindada. – *Vim entregar a mim mesmo, sou amigo da Sicrana*, responde entre agressivo e debochado aquele que quer entrar pelo portão dos não serviçais.

É sempre com um outro que podemos nos identificar. Idem é o radical presente nas palavras: identidade e identificação. Lacan aponta este radical latino que remete a noção de igualdade já no início do referido seminário.

Esse outro ao qual podemos nos identificar pode aparecer sob inúmeros aspectos e pode adquirir diferentes funções na vida das pessoas.

Podemos nos identificar a uma imagem, como costuma acontecer com os bebês na operação batizada por Lacan como o estádio do espelho. Podemos nos identificar com nomes, sobrenomes – antes da Segunda Guerra, na Alemanha nazista homens judeus e mulheres judias foram obrigados a acrescentar os nomes Israel ou Sara aos seus nomes de batismo, a desobediência a essa norma implicava em morte. Podemos nos identificar ou sermos identificados por tonalidades de cores da pele, por gêneros, por formas de gozar, por preferências religiosas, políticas e tantos outros traços mais quanto possamos imaginar. Uma grande diferença que podemos estabelecer neste processo é quanto ao uso do traço diferenciador. Seu uso em estado de signo ou em estado de significante produz a diferença entre uma cristalização alienante e propícia à segregação, ou uma propriedade criativa e potencialmente propulsora. Lacan aponta essa possibilidade dos traços e especificamente do traço chamado unário, de passar de um estado ao outro em seu seminário dedicado ao tema da Angústia.

A partir de um importante movimento anti-segregacionista chegamos no atual momento histórico a uma cifra: LGBTQIAP+. Qual a posição que cabe aos psicanalistas frente a essa gama de possibilidades de traços identificatórios? Antes de arriscarmos algum arremedo de resposta cabe aqui uma lembrança. Foi Freud quem apontou em seu texto *As pulsões e seus destinos* (1915), referindo-se ao objeto das pulsões, que para qualquer ser humano o normal é sempre o acidental. Que a norma é que objetos encontrados de maneira contingenciais produzam satisfações. As ligações que nós - humanos, falantes - estabelecemos com os objetos que causam nosso desejo são ligações desnormalizadas, e isso é o normal. A partir desse encontro casual fixações acontecem. Esse talvez seja o principal ponto trazido por Freud à questão da sexualidade. Quanto a questão dos gêneros, apesar de não usar essa terminologia, apontou que masculino e feminino são oposições que não figuram no inconsciente. No inconsciente a oposição que precede a esta é entre ativo e passivo e entre castrados e incastrados (possibilidades de lugares discursivos-lógicos para qualquer falante, avançará Lacan a partir deste pontos freudianos).

No seminário *Les non-dupes errent*, Lacan dando sequência àquela viagem de trem inicial, vai reiterar que homem e mulher são tão somente significantes e que, portanto, para tornar-se homem ou mulher seria preciso se autorizar, a partir de si mesmo e de alguns outros, da mesma forma que para tornar-se analista.

Após ter referido a dicotomia entre estado de signo e estado de significante seguiu avançando e passou a falar das identificações propiciatórias de identidades em termos de feixe, ramalhete ou enxame de significantes.

Nesta medida parece claro que aos analistas não cabe legislar, censurar, nem tampouco indicar qualquer tipo de regulação quanto as escolhas identitárias que os seres falantes possam inventar ao longo do tempo. O que talvez nos caiba, consonantes com nossa ética é saudar o símbolo + da cifra referida. Pois sua presença funciona neste caso de forma análoga ao objeto *a* inventado por Lacan em seu funcionamento no discurso analítico. Ele lembra, este símbolo +, a cada uma das letras que o precedem que nenhuma lista de possibilidades identitárias será exaustiva, seja no plano existencial, seja no plano dos exercícios de gozo e que as fixações são de fato ficções; e que todo movimento e novidade serão bem vindos e já estão previstos justamente pela presença desse símbolo que aponta ao *um a mais*. Como as *Mil noites e mais uma* de Sherazade.

Estação 2: María Teresita Pullol- Silvia Cabrera- Karina Rotblat

- Ressoando tanto na escuta clínica cotidiana, trazendo para essa Convergência que nos questiona sobre a ética hoje, nos perguntamos, então, por que no campo da psicanálise identidade e identificação se confrontam, estabelecendo um versus entre ambos os significantes?

Como psicanalistas trabalhamos a identificação, nome com que Jacques Lacan intitulou seu ensino durante um ano, mas também escutamos na clínica o que insiste sobre a identidade.

Sabendo que a identidade coagula e fixa desde o plano imaginário, e que aludimos ao simbólico quando falamos do processo e do movimento de identificação, uma questão que se coloca da escuta hoje é como passar de um significante a outro sem que isso nos leve a disputas ou censuras de conceitos em nosso campo?

O qué tem de um lado e do outro do versus instalado?

A palavra identidade, desde os filósofos clássicos, tinha apenas um significado, o de sua raiz etimológica —latim—*identitas*, ou seja, "igual a si mesmo" mesmo "ser si mesmo" ou o que se conhece como o *princípio ontológico da identidade* ($A = A$) A palavra "identificação" é formada com raízes latinas e significa "ação e efeito de reconhecer, dar dados a serem reconhecido, compartilhar as mesmas crenças". Seus componentes lexicais são: *identitas* (identidade), *facere* (fazer), mais o sufixo *-ção* (ação e efeito).

Percorrendo o campo das identificações, sai-se "da dialética do ser" para entrar na do "ter". No primeiro tempo do Édipo "bastava ser o falo", no segundo tratava-se de "ser ou não ser o falo" enquanto no terceiro a situação é a de "ter o falo". A identidade está sempre associada a uma afirmação sobre o ser, mas também na clínica ouvimos como o apego a algumas identidades favorece o advento do sujeito, enquanto a identificação com as massas muitas vezes o impede.

O trânsito pelas identificações implica uma complexidade texturizada pelos três registros. Se se trata do fantasma, a resposta à interpelação do Outro é em parte cunhada em termos de gozo pulsional, e é marcada pela parcialidade dos objetos de gozo. A identidade opõe-se ao parcial, pelo contrário, impulsiona a inclusão num grupo com aspirações à totalidade. Se o fantasma responde a partir de uma escolha singular de gozo, a identidade o faz incitando a participar de um coletivo que reúne diversos sujeitos.

Na decadência do nome do pai, assume-se heróico o pai do gozo, que urge a massificação, que não possibilita a instauração do desejo do sujeito, todos subsumidos no gozo de uma insígnia ou mote por vezes com uma única identidade possível? Como transitar uma articulação? A singularidade da prática analítica traz em seu bojo a perfuração dessa fixidez identitária. Como fazer a ponte entre esses coletivos necessários sabendo da solidariedade que um certo movimento de massas também enfrenta quando se trata de fazer valer os direitos dos vulneráveis?

Nosso trabalho, sempre caso a caso, um a um, será distinguindo na práxis, a causa coletiva "boa e justa", e como ela se entrelaça fantasmaticamente, para não ficar coagulada na identidade da massa, porque sabemos que a ética da Psicanálise urge a não ceder ao desejo, um desejo singular e

único que pode estar na “causa”. Se vier da mão de um coletivo, a práxis indicará no sentido da cura, operações propiciatórias que possam dar conta da singularidade subjetiva, e do objeto que está em jogo naquela causa. Assim, não esquecemos uma acepção de "identidade" que alude ao que por estrutura, na direção da cura, traça o rumo do impossível... enquanto a identidade da percepção é impossível, mas justamente aí reside a motorização da o desejo.

A proposta daquilo que ressoa de identidade na clínica, desse Atual que às vezes não é tão atual, e que nos convoca a partir da proposta deste congresso, é pegar esse traço que chega, para dele direcionar a cura. agir. Se a identidade implica etimologicamente esse *mesmo*, e a identificação, também desde a sua raiz implica o *facere* do fazer, há um ato implícito nessa passagem; do *mesmo* para um fazer. Da massa à extracção da singularidade, passagens que ambicionamos não nos deixar rejeitar preconceituosamente mas sim promover uma transição entre o *mesmo* e um *acto* que implica a diferença. Um ato que tem o estatuto de Psicanalítico.

Embora a Identificação seja um processo subjetivo no qual o Outro é tomado, incorporado em suas três dimensões R, S, I. e, por outro lado, a Identidade, ela responde a uma pergunta em relação ao eu, em relação ao imaginário que está sendo jogado nessa estrutura, notamos também, principalmente em nossa prática clínica, que essa resposta nunca é completamente completa, enquanto não puder abranger totalmente, mesmo que tente fazê-lo, toda a dimensão imaginária do eu e o que, aí, está comprometido com o sujeito.

Embora a Identidade seja o resultado do processo de identificação pelo qual o eu se apropria das marcas do Outro para constituir suas próprias marcas, perguntamo-nos, então, se a Identidade pode ser pensada não como um produto acabado, fechado, mas como um reconhecimento do ser que se sustenta em uma carência estrutural. Ali onde o eu não pode responder por ser sempre da mesma forma mas pelas marcas que se põem em jogo em cada uma das situações da vida.

Estação 3 : Maria Ângela Bulhões

-Entendo que a identidade é a construção produzida a partir da identificação.

O primeiro processo de identificação que Freud nos apresenta é a identificação primária com o pai. Ele nos diz que esse é o primeiro laço afetivo com algum elemento externo. Em Lacan estaríamos falando da constituição de sujeito que acontece na diferenciação com o primeiro Outro. Seria a inscrição do traço unário que faz a inauguração da cadeia significante e produz a função de garante para lançar o objeto na sua metonímia.

Estará sempre em causa para o sujeito o processo de alienação na continuidade de ser para o Outro assim como a constituição da diferença através da identificação ao traço que faz a diferença.

A identificação com o traço faria essa constituição de um EU. Mas um EU que não consegue produzir a essência do seu ser pois ele sempre vai se apresentar incompleto.

Na clínica nos encontramos com casos em que escutamos sobre uma certa busca de constituir uma refundação de sujeito. Uma chance de começar de novo. Onde o significante novo instauraria, o desejo de produção da diferença. Um novo nome, um novo lugar geográfico, um novo gênero, uma nova forma de viver etc.

Sendo assim podemos refletir que o discurso analítico proposto por Lacan insere na sua fórmula a produção de um novo significante S1 que seria possível como resultado de uma análise. Não estaria em causa numa análise a refundação do sujeito de forma menos alienada ao discurso do Outro? No discurso do analista encontramos a divisão do sujeito, o objeto como causa de desejo e o saber inconsciente como verdade vinda dessa divisão.

As formas que alguém encontra e inventa para inserir o significante novo sempre vão estar atreladas a bateria significante que trabalha naquela história/Discurso do Outro. Certamente o significante novo exige radicalidade quando a repetição do mesmo se apresenta ameaçadora. As identidades podem se constituir de forma fixa e asfixiantes, e também

atualmente encontramos o fenômeno de que identidades possam ser pensadas como possibilidades infinitas. Imaginariamente infinitas e imaginariamente asfixiantes na mesma medida em que se as toma para dar consistência a um Eu completo.

Ao analista interessa o processo de identificação que está permitindo ou não a construção de saídas de um lugar de fixação e trabalhará para possibilitar novos processos identificatórios que possam permitir novos rearranjos. Situações em que essas saídas podem fazer valer o significativo Nome do Pai na forma de Sinthoma. Uma invenção.

É na condição de falar de seu sofrimento que alguém vem buscar análise. Vem nos falar sobre o que anda e sobre o que não anda na sua história. O que se movimenta e o onde paralisa. De onde acredita não conseguir sair. Pedindo saídas começa a contar sobre seu labirinto histórico. Suas referências, suas identidades e onde se vê apenas repetindo. Todas as escolhas na via do ir mais longe nas possibilidades de vida criativa e produção de desejo, vão na linha de uma clínica do sujeito.

Estação 4: Elaine Starosta Foguel (APPOA)^[1]

O século passado testemunhou genocídios em escalas imensas que resultaram na morte de dezenas de milhões de indivíduos. Não estamos falando aqui das guerras, mas dos governos totalitários que se fundam no extermínio de parte da sua própria população civil.

Assim foi na Alemanha, na Rússia, na Cortina de Ferro, na China, na Turquia, em Ruanda, entre outros. A chegada ao poder de um grupo de pessoas inicialmente pequeno que cresce rapidamente e se transforma numa massa fervorosa, liderada por uma criatura fanática por suas próprias ideias, resulta na tomada das forças armadas que subjuga a todos e instaura o terror e o genocídio, que se perpetua como estratégia de manutenção de poder. Recentemente, no nosso país, o descaso do governo anterior com a saúde da tribo Yanomami dizimou parte grande de sua população e já dizemos, o genocídio Yanomami.

Segundo Imre Kertész, “Temos que visualizar com clareza: nenhum partido ou totalitarismo de Estado pode existir sem discriminação, e a forma

totalitária da discriminação, por sua vez, é, necessariamente, o genocídio (KERTÉSZ, 2004 p.69)". [1]

Após a Primeira Grande Guerra, Freud começa a se ocupar da psicologia das massas, que logo mais viria mostrar sua potência letal, a partir dos anos 30, na Alemanha. Ele sugere que a forte identificação com um traço unário de um líder faz o sujeito abandonar suas censuras originais e abraçar uma forma coletiva de pensar, sentir e avaliar.

Tal como numa paixão ou como na hipnose, a imagem e as palavras de um desconhecido consomem o eu: "(...) na cegueira do amor, a falta de piedade é levada até o diapasão do crime. A situação total pode ser inteiramente resumida numa fórmula: o objeto foi colocado no lugar do ideal do eu (Freud, p.143-144)". [2]

Nesses casos, as duas outras formas de identificação neurótica, o amor ao pai e a identificação ao sintoma do Outro, ficam subsumidas ao novo *ideal do eu* que comanda o gozo de cada um no grupo de adeptos, gerando uma continuidade entre a constituição libidinal do sujeito e a do grupo: um *traço unário de identificação* ao líder opera uma verdadeira mutação nos laços, nos afetos, nos valores, no vocabulário e na ética dos adeptos à massa.

Dessa forma, o *gozo fálico* $G(\phi)$, constituído por cada sujeito na sua civilização, perde suas bordas e se contamina com a pulsão de morte, com o sadismo, com a perpetuação da atrocidade. É uma nova estrutura psíquica que surge, capaz de palavras e ações que a *pólis*, até então, regulava.

É surpreendente a fragilidade das *operações de falta*, que parecem se desmontar no fanatismo da horda violenta. Somos obrigados a afirmar que as operações que encetam a castração ao gozo e o acesso à ordem fálica podem ser apenas estados passageiros em alguns sujeitos na civilização.

[1] KERTÉSZ, Imre. *A língua exilada*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

[2] FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

Estação 5: Ana Virginia Nion Rizzi

Trabalhamos neste Grupo de Trabalho alguns apontamentos a respeito da identificação e identidade. As vertentes para pensar as categorias foram através dos fenómenos que transitaram em duas direções: aquela que remete ao enigma da chamada identidade sexual, e aquela que se referem aos fenómenos de identidade de uma nação/povo/massa.

Através destes exemplos, tentamos encontrar o ponto de ruptura entre uma e outra, assim como possíveis ligações; e mais, os limites para ambas às categorias, identificação e a identidade. Nas profícuas discussões, encontramos fios que conduzem de uma à outra quando se tratavam dos enquadres da identificação imaginária para pensar os fenómenos de identidade.

Os exemplos trabalhados foram desde os sujeitos, quando falamos da identidade sexual, aos efeitos de massa, quando se trata dos fenómenos da nação/povo.

Para trabalhar a identificação imaginária remetemo-nos a Freud (1921) em Psicologia das massas e análises do ego onde aprendemos os três tipos de identificações: ao pai, ao traço e ao desejo do desejo. Estas três identificações Freudianas estariam do lado da constituição do eu na sua vertente imaginária.

Do lado do eu moi, especular, rivalizante, que pode se incursionar nas calçadas na violência, para além da tensão narcísica proveitosa. Proveitosa, no sentido que crie um resto capaz de provocar causa de desejo para elaboração.

Quando as fronteiras se desfazem pela violência com o intuito de dominar, submeter, extraditar e usurpar ao outro, estamos adentrando na política persecutória e paranoica de extermínio ao diferente. Assim, mencionamos exemplos de efeitos de massa, em regimes ditatoriais identificados com certo traço ao líder/pai/amo/senhor.

Ao trabalhar os possíveis limites da identificação imaginária/identidade, aludimos às versões real e simbólica da lei. Pensamos nas relações possíveis entre certo declínio do Nome-do-Pai para termos efeitos de massa com carácter mais segregacionista.

Desta forma a precariedade simbólica e real, traz aspectos cada vez mais violentos e segregacionistas que colocam em xeque aquilo que do pai se transmite e que possibilita a identificação ao real desde o pai morto.

A tentativa homogeneizante e a ideia de que se torne universal, isto é, para todos, na sua vertente imaginária como uma forma de marcar algo que viria do Nome-do-Pai, talvez esteja dando mostras de certo declínio. Em que sentido? No sentido de que o pai é o pai morto para poder dar lugar a versões do pai, em minúsculo. Sabemos que podem existir versões do pai e não “A” versão do pai. Os efeitos de estar marcando a cada vez algo diferente, não parece estar em um terreno onde se consiga transitar e transmutar. Algo talvez apareça como tentando marcar com consistência imaginária que se precisa inscrever como diferente, tentando liquidar as diferenças num estrato imaginário.

Estação 6: Deise Stein

Se identificação é o meio pelo qual o sujeito se singulariza, a identidade é o que permite a ele reconhecer-se singular. Tratam-se de duas noções muito próximas e ao mesmo tempo distantes. As identificações são o que asseguram uma identidade.

A primeira identificação ocorre no registro do imaginário, é narcísica, onde surge o eu. Há também a identificação simbólica, que Lacan designou como identificação de significante. Esta última encontra seu fundamento no traço unário, elemento que está na base da cadeia simbólica e que remete ao irrepresentável. Sem ele, os outros significantes não representariam nada. Ou seja: esse irrepresentável tem a função essencial de sustentar a própria cadeia significante. Ele é o significante que funda a cadeia, o traço a partir do qual um sujeito pode contar-se.

A identificação é sempre parcial. A identificação com o traço promove a constituição de um EU que sempre vai se apresentar incompleto, pois o sujeito se identifica com outros, mas tem que se separar para existir. Segundo Soller^[2], identidade é o contrário de extravio, e separação é o contrário de sujeição.

Ao propor o conceito de traço unário, Lacan pretende sinalizar para o que há de radicalmente único no sujeito, marcando o seu lugar singular no campo da linguagem, é aquilo pelo qual cada um pode ser "um", suporte da marca da singularidade, a um só tempo é sinal de identidade e da própria diferença[3]. O que caracteriza a unidade do significante é ser pura diferença, ele se constitui por oposição aos outros elementos significantes da cadeia.

Voltando à identificação imaginária, releva comentar a importância do imaginário na constituição do sujeito, por meio do olhar do Outro materno para que o eu possa se constituir como uma imago que representa um corpo desenhado pelos traços do desejo do Outro. O estágio do espelho atesta uma identificação - forma-se algo em que o bebe pode se identificar-, instalando a formação do corpo imaginário, dando consistência ao seu corpo fragmentado, um corpo unificado pela imagem especular que lhe confere um atributo de completude. É um momento necessário na formação do eu, sem o qual a constituição do sujeito poderia estar irrevogavelmente prejudicada.

A exemplo da identificação à imagem pretensamente totalizante do espelho em que ocorre uma assimilação de uma imagem especular, é imaginária toda identificação que busca uma identidade de completude, um fechamento de sentido, dentro de um ideal de identidade.

Já a identificação simbólica faz furo, falta, vem como suplência à totalidade enganosa do imaginário, trazendo abertura para significância, em que o sujeito advém a partir do efeito de um significante. Onde o imaginário busca um fechamento de sentido, o simbólico aparece como abertura para a significação, onde a identificação imaginária pressupõe uma identidade permanente, a identificação simbólica é marcada pela substituição sucessiva numa série de identificações[4] (Cruglak, 2001).

A identificação sempre se dá em traços, pelo enlaçamento com traços do outro. É aquilo que do outro me captura. É a marca do outro em mim. A análise é o que permite produzir uma recostura nas identificações.

.....

Estação 7 : Rosane Ramalho

A relação entre identidade e identificações é um tema crucial nos dias de hoje, tanto pela importância que tem na teorização e na clínica psicanalítica, quanto pelo impacto que os movimentos identitários têm tido no cenário político-cultural atual. Tais movimentos identitários têm mobilizado fortemente não só reivindicações de reconhecimento, mas também críticas dirigidas a teorias, instituições, campos de conhecimento e de práticas, que vêm sendo apontados como partícipes silenciosos, mas poderosos, dos processos de opressão, exclusão ou segregação de pessoas ou grupos.

O campo psicanalítico não ficou imune a todo esse movimento histórico. A discussão acerca das identidades tem provocado debates acalorados, tanto entre psicanalistas e militantes, quanto entre psicanalistas que defendem posições diversas frente a esses movimentos e suas repercussões na clínica e na vida social. As intensas discussões promovidas recentemente em torno dos livros de Elisabeth Roudinesco, *O eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias*, e de Paul Beatriz Preciado, *Eu sou o monstro que vos fala*, ilustram bem esse processo.

As chamadas “lutas identitárias”, tais como as engajadas na causa LGBTQIA+ e o movimento antirracista – apesar de, para alguns, ainda serem consideradas simplesmente como fenômenos de massa (e, portanto, totalizantes) - consistem em processos necessários para promover transformações na cultura que possibilitem o reconhecimento do exercício da condição de sujeito para aqueles que, vivendo à margem, e em situação de apagamento ou segregação, têm esta condição negada ou restringida.

Atualmente, testemunhamos várias lutas antirracistas, protagonizadas não só pelo movimento negro, mas também pelos brancos que, ao se implicarem na situação de privilégio que têm, ou seja, ao admitirem o papel da branquitude na manutenção silenciosa do racismo estrutural em nossa cultura, se engajam na transformação desse quadro, assumindo a identidade racial de brancos para denunciar a estrutura naturalizada de privilégios da qual historicamente se percebem como beneficiários.

O problema surge quando a reivindicação ou a assunção da identidade cede lugar à fixação da identidade.

No prefácio do livro de Asad Haider, *A “armadilha” da identidade: raça e classe nos dias de hoje*, Silvio Almeida, atual ministro de Direitos Humanos no Brasil, escreve que “a ‘armadilha’ de que fala Haider não está em se levar em conta a identidade nas análises sobre a sociedade, mas em analisá-las

como se fosse algo exterior às determinações materiais da vida social”. A armadilha consiste em perder de perspectiva que a identidade é um ponto de partida para a transformação estrutural da sociedade, e não um fim em si mesma.

Não podemos desconsiderar o fato de o Brasil ter sido o último país ocidental a abolir a escravidão de pessoas negras, nem ignorar as marcas simbólicas que tal história imprime em nossa cultura. Fatos bastante corriqueiros são exemplos disso: um grupo de jovens ir a uma festa e apenas o único negro ser revistado na entrada; alguém afirmar sentir medo ao se deparar com uma pessoa negra numa rua deserta; o fato de nos presídios, a população carcerária ser composta, na sua maioria, por pessoas negras; ainda, o número de pessoas mortas injustamente por policiais, simplesmente pela cor de sua pele. A naturalização do verdadeiro genocídio dos jovens negros e pobres no Brasil é a maior evidência disso.

Alguns psicanalistas insistem em ver essas lutas identitárias como simples fenômenos de massa, outros, que promovem a fixação de uma identidade, também numa perspectiva de completude. É claro que, em certos casos, isso pode acontecer. Assim como acontece com muitas pessoas que nos chegam com uma identidade cristalizada e que é preciso pôr em questão. Porém, uma estratégia de afirmação identitária pode possibilitar algo diferente: a resignificação de uma identidade conotada negativamente, que passa a ser tomada não mais como desqualificação, mas numa atribuição de valor positivo, permitindo, assim, ao sujeito, a partir do reconhecimento dos traços identificatórios de sua história, o acesso a uma outra forma de existência.

Ao se desconsiderar a importância dessas lutas pelo reconhecimento enquanto sujeito, por um acesso à possibilidade de existência na sua singularidade, não se estaria justamente compactuando com a manutenção da segregação?

Estação 8 : Eliana Betancourt^[1]

Podemos citar inúmeras *transições* que ocorrem na busca ou encontros com novas identidades: mudança de nome, estado civil, status social, profissional, migrações, etc...Uma nova identidade espreita essas transições, se vão se acomodar como uma identificação, está por se definir ao longo do processo.

E quando a *transição* tem como intenção uma nova identidade de gênero?

Trazemos dois nomes : Léa (fictício) e o outro escolhido por ela Caytlin Jenner.

Do que se trata quando alguém anuncia que “há um erro no meu corpo!”

Léa dizia em análise: “alguém vai apontar algum erro no meu fazer e nada vai dar certo!”.

Segue: “outro dia vi uma mulher cantando e levantando os braços para cima e imaginei que maravilha seria se seus braços fossem amputados ...que alívio...”

Ao ter que fazer uma cirurgia para cortar um pouco da gengiva que crescia sobre os dentes, passou por momentos de angústia feroz pois não sabia se havia dito para a dentista cortar o tamanho certo ou não.

No seu aniversário de quatro anos, o pai lhe fez um desenho. Léa nasceu ao meio-dia.

Ele desenhou um sol e abaixo desse sol o pai escreveu: “Meio-dia, momento da sombra mais curta, fim do erro mais longo”, frase de Nietzsche.

Um ano depois o pai morre. E foi aqui mesmo que Lea se pregou: no fim do erro mais longo e na eterna correção.

No Seminário *Encore*, Lacan comenta do meteórico momento do amor cortês e do surgimento da psicanálise:

De modo algum é isto que arranjará as relações do homem com as mulheres. Ter visto isso era o gênio de Freud. É o salto mais engraçado da santa farsa da história. A gente podia talvez enquanto isso dura, ter um lampejinho de algo concernente ao Outro, na medida em que é com isso que a mulher tem a ver.

Será que esse “enquanto dura” que fala Lacan está passando e teríamos que ficar atentos para algo da ordem da *transição* no que concerne ao Outro e que talvez não tenha mais a ver com esta mulher da qual ele fala?

Transição esta que, mais uma vez passa pelo corpo.

O fenômeno do transgênderismo só é possível porque a ciência acompanha o desejo de *livre escolha* que os sujeitos pensam estar vivendo. Estamos perante um momento onde uma nova angústia nos espreita: o paradoxo da livre escolha sobre se sou homem ou mulher.

Será que estamos perante um novo imperativo?

Vamos trazer aqui o caso Bruce que virou Caitlyn Jenner.

Caitlyn que não só fez uma das transições mais espetaculares, visto que se transformou numa linda mulher mas também viveu enquanto homem

produzindo inveja nos homens. Era um bonitão e medalha de ouro nas olimpíadas de 1976; não em um só esporte, mas no *decatlon*.

Portanto, como Caitlyn mesmo diz, ainda penso que é aquele menino burrinho e disléxico que está por aqui . O menino sobrevive abaixo das camadas de modificações no corpo.

Em algum momento depois das famosas fotos na *Vanity Fair* ela diz: “Foi a primeira vez que vi uma imagem minha, de quem eu sou. E falei “quer saber? isso vai dar certo! Nós estaremos bem.”

De que *nós* ela está falando?

Michel Foucault, diz : “nós demandamos que o sexo fale a verdade, demandamos que nos diga de nossa verdade, ou melhor, a profunda enterrada verdade da verdade sobre nós mesmos que nós pensamos que possuímos na nossa consciência imediata”

De que verdade estariam os transgeneros pedindo que o corpo falasse?

Voltemos à palavra *possuir* que Foucault usou.

Para Winnicott; “O objeto transicional não é um objeto interno é uma possessão. Ao mesmo tempo não é (para a criança) um objeto externo.” O objeto transicional é o *primeiro não-eu* possessão.

Acontece nesse processo de *transição* um encontro com um novo objeto transicional, ou novo *não-eu* que possivelmente organizaria a posição aqui tão desejada de estar no outro gênero.

Podemos sempre nos perguntar, com Foucault, se não se trata apenas de uma posse de verdade que imaginamos obter.

Do que se trata quando para corrigir um erro eu devo mexer no corpo?

A sexuação passaria por um corte real no corpo.

E... bastante importante, como disse Caitlyn: “vi minha imagem pela primeira vez. Quem realmente sou.” Mas não foi só ela quem viu. Como um bebê na frente do espelho, ela teve milhões de olhos que a olhavam, admiravam e diziam : que linda!

É possível que exista uma passagem pelo espelho e uma re-adolescência (ou seja transição onde não sei quem sou) na busca de um nova identidade de gênero.

Ane Lebovits, ao finalizar a sessão de fotos com Jenner, disse “Sinto como se eu tivesse visto o “*making*” da Caitlyn” (o fazer da Caitlyn).

Ela fez muito mais do que isso, ela foi o olhar atrás da câmara que, como a mãe na frente do espelho, narcisizou o corpo do bebê.

[1] Texto apresentado no VIII Congresso Internacional de Convergência - Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana, QUE ÉTICA PARA A PRÁTICA PSICANALÍTICA HOJE?, 24, 25, 26 e 27 de maio de 2023.